

GUERRA COM MÍDIA e GUERRA SEM MÍDIA

“Com a imprensa barrada, não é possível ter uma confirmação independente das afirmações de um lado ou de outro”. É o jornal O Globo de 12 de abril de 2002 evidenciando a falta de acesso da mídia às fontes e fatos do confronto entre Israel e Palestina. Essa mesma queixa da mídia foi repetida no dia 13 pelo Jornal Nacional que mostrou o seu correspondente Caco Barcelos indicando até onde os profissionais de mídia estavam podendo chegar e as barreiras impostas pelos israelenses. Já no dia 15, o mesmo Caco Barcelos e sua equipe mostram imagens que demonstram uma perseguição contra o carro da TV, devidamente identificado como tal.

São indicações que, entre outras coisas, evidenciam a importância da mídia na guerra. Nos tempos atuais há guerras, ou conflitos de grande porte, sem mídia, como os conflitos existentes em vários estados africanos. Sobre estes as vezes aparecem reportagens que são impulsionadas por uma fala ou tomada de posição de organismos internacionais, como a ONU. Mas, de um modo geral, os flashes são tão efêmeros que os cenários contemplados pela visibilidade-relâmpago não chegam a adquirir alguma nitidez de imagem: Timor? Somália? Angola?

As guerras sem mídia, obviamente têm um “depois” opaco, de tal modo que não é possível identificar o que ocorre nesse “tempo de silêncio”. Um dado que pode funcionar como “instrumento de medida”, no que se refere ao número de indivíduos atingidos pelos conflitos, diz respeito à quantidade e local dos refugiados de guerra. Mary Kaldor, em seu livro *Las Nuevas Guerras*, lançado em 1999, dá conta da existência de 14,5 milhões de refugiados, registrados em 1995. De acordo com a autora “quase todos se assentam em nações limítrofes”, isto é, vizinhos de seus países de origem. A maioria vive na África e Ásia. A Guiné está entre os países que mais acolhem, com mais de 500 mil refugiados, especialmente da Libéria e de Serra Leoa, o Sudão

recebe refugiados da Etiópia, Eritreia e Chade; a Tanzânia acolhe, principalmente, os refugiados de Ruanda e Burundi; dos um milhão e setecentos mil acolhidos pelo Zaire, 1,2 milhões procedem de Ruanda e o resto de Angola, Burundi e Sudão; o Irã e o Paquistão abrigam indivíduos do Afeganistão e do Iraque e a Alemanha recebe, sobretudo os refugiados da antiga Iugoslávia.

Com a indicação dessa espécie de mapa de distribuição dos principais endereços dos refugiados de guerra e dos nomes dos respectivos países de origem, podemos observar o quanto muitas guerras não adquirem fama, nome, sucesso, são verdadeiros fracassos de mídia. Nesses casos é o real que não é “acessado”, que não é coberto pelo olhar midiático. É como se houvessem conflitos mais naturalmente noticiáveis que outros.

E agora, no conflito entre Israel e Palestina, é a mídia que se queixa pela barreira imposta pelos israelenses. E ao noticiar essa barreira ela se indica como um dos ingredientes de peso no conflito. De fato, essa queixa é necessária e deve ser levada a sério, mas é necessário que a mídia, por sua vez, justamente pelo poder que tem dentro das situações de beligerância, tenha o seu olhar mais atendo aos cenários dos conflitos existentes no planeta.

Finalmente, é bom recordar que essa distinção entre conflitos com mídia e conflitos sem mídia não é exclusividade das guerras. É uma seleção frequente dentro do universo midiático, atinge todos os temas e produtos e está relacionada com uma hierarquia que reflete posições de poder: qual é o poder de Burundi? Qual é o poder de Israel?